



ANÁLISE DO CONCEITO DE ANOMIA DE ÉMILE DURKHEIM NA SECA DE 1932 OCORRIDA NO ESTADO DO CEARÁ

ERNESTINA DE FREITAS GILES⁸

RESUMO

Este estudo tem por objetivo demonstrar a aplicabilidade do conceito epistemológico de anomia, do sociólogo Émile Durkheim e a de Michel Foucault em seu conceito do controle dos corpos aos fatos ocorridos na seca de 1932 no Estado do Ceará, a qual sempre foi para os nordestinos motivo de desajuste político, social e econômico. No caso dessa seca, em específico, as lideranças da época procuraram evitar que a população sertaneja flagelada chegasse à capital, criando campos de concentração com intuito de restabelecer a ordem, porém tal ação consistiu o desvio da legalidade e da moralidade por ter provocado a exacerbação anomalias sociais levando encarceramento dos corpo.

PALAVRAS-CHAVES: Epistemologia, Durkheim, Seca, anomia.

ABSTRACT

This study aims to demonstrate the applicability of the epistemological concept: anomie, by the sociologist Émile Durkheim to the facts that occurred in the 1932 drought in the State of Ceará. Drought has always been a source of political, social and economic maladjustment for the Northeast; in the case of this specific drought, the leaders of the time sought to prevent the plagued Sertaneja population from reaching the capital, creating concentration camps with the purpose of restoring order, but this action consisted in the deviation of legality and morality for having provoked the exacerbation social anomalies.

KEY WORDS: Epistemology, Dry Season, Anomie

INTRODUÇÃO

A seca sempre foi para os nordestinos motivo de desajuste, social, político e econômico de forma sistêmica, por se um traço característico climático da região. Essa situação reverbera nos séculos XIX e XX, com intensa saída de sua população para as áreas mais desenvolvidas do Brasil, por não haver política de permanência de sua população em seu local de origem.

O que há de peculiar na seca de 1932, é tratada pela autora Kênia Rios, em sua obra

8. Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco



“Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932”, no capítulo “As Polemicas Concentrações”, são barreiras de contenção humana feita para que a população faminta não migrasse para a capital Fortaleza, com isso foram construídos seis centros de concentração, porque um já existia, totalizando sete centros.

A obra, nos seus capítulos iniciais trata de como foi construído no imaginário da sociedade a imagem do povo sertanejo, através da mídia, médicos e sanitária, como pessoas famintas, doentes e sujas que necessitavam de cuidados e proteção do governo, porém o que existia na verdade era o medo da invasão a capital Fortaleza. Com isso a classe mais abastada se utilizou de diversos discursos para ter a legitimidade da população na construção dos centros de concentração, até porque a população já havia esquecido a seca de 1915 que dizimou sua maioria pela rubéola (RIOS, 2014, p. 81).

Com isso foram criados seis centros de concentração e reaberto o Ótávio Bomfim: Burrity, no município do Crato (n° de prisioneiros 16.200); Quixeramobim(n° 4.542), no Município do mesmo nome; Patu(s/n), no Município de Senador Pompeu(n° 16.221); Cariús(n° 28.648), no Município de São Mateus(s/n); Ipu(n° 6.507), no Município de mesmo nome; Urubu e Ótávio Bomfim, no Município de Fortaleza(n° 1.800), acreditasse ter passado por lá cerca se 65mil pessoas a 73.918. Muitos morreram no caminho, antes de chagar nos centros, por causa da sede e da fome.

Construídos principalmente próximos as ferrovias, para facilitar o embarque e desembarque dessa população, como também próximo aos bairros mais pobres, posição legitimada pelos médicos para “reduzir doenças”, nesse sentido o discurso científico funcionou como legitimador das práticas do Estado, mas que na verdade um discurso da elite. Enquanto isso, os jornais se encarregavam de propagandear que os indivíduos que ali chegassem eram bem cuidados, o que não acontecia na prática. Ao chegarem nesses lugares os homens tinham seus cabelos raspados a maquina zero, recebia sacos de panos ou jornais para se vestirem, sua alimentação na maioria das vezes era farinha e rapadura.

Na Visão de Durkheim

Ao analisar a anomia, identificada por Durkheim como um desvio padrão da sociedade que gera a subversão da ordem, levando a toda uma mudança do comportamento e o rompimento da tessitura social. Durkheim (2000). Nesse sentido, a seca é algo normal e previsível, pois, obedece a um padrão climático. Uma realidade bem conhecida do povo sertanejo moradores do interior que vivenciam a falta d’água, a fome e a pobreza. Diferentemente dos moradores da capital Fortaleza que viviam de forma mais abastada, e estavam envolvidos na construção do projeto da modernidade, que preconizava a racional-



lidade e a organização do espaço social. (RIOS, 2014).

Neste caso, a seca de 1932 ocorrida no estado do Ceará representa um fenômeno na sua forma mais atípica, pelo fato de os indivíduos se deslocarem do interior do Estado para a capital, em grandes contingentes, afim de procurar melhores condições de vida, com isso se modificou toda uma estrutura social e espacial. Porém, as lideranças política procuraram manter essa população afastada da capital, impondo a ela restrições à liberdade em espaços denominados “Centros de Concentração”, se utilizando de um discurso que os legitimavam a colocar os flagelados em campos de concentrações localizados em bairros mais pobres, onde deveriam obter assistência social e ajuda humanitária, todavia foram duramente negligenciados e inferiorizados, os campos de concentração passaram a ser chamados, pelos flagelados, de “Currais do Governo”, o que demonstra certa crítica dos indivíduos reclusos. (RIOS, 2014).

A normalidade era permanência dessa população na seca e da pobreza em seu devido “lugar”. Anteriormente a elite não pensou em contribuir com essa população para seu desenvolvimento ou melhoria das suas condições, pelo contrário fez ela dependente para poder ter sobre ela o controle. O Estado passou a se utilizar desses indivíduos como mão de obra barata para combater a “ociosidade” desses indivíduos, o que acarretou em um crescimento econômico para o Estado, mesmo no momento da seca. O que demonstra uma função utilitária dos indivíduos para a produção, o que o torna parte de um sistema “*a microfísica do poder*” (MICHEL, 1987).

Contudo esses centros não desempenharam sua função social proposta, sobretudo foram palco de mortes em massas que evidenciaram uma limpeza étnica baseada em uma racionalidade que causou o exarcebo da anomia pelo excesso controle dos corpos que não “deveria” fazer parte daquela sociedade, por isso foram usados e expurgados como parte de uma sistema que foi “curado” de uma “doença” ou de um “defeito”.

1. A Epistemologia em Durkheim

A epistemologia de Durkheim, na obra “O Suicídio” se baseia na análise dos fatores sociais a partir do método funcionalista, o qual analisa a sociedade como um organismo vivo. Nesse sentido a totalidade tem um poder maior sobre as partes que cumpre uma função social, sendo a função social a liga que existe entre as partes. Esse encadeamento cumpriu sua função de existir de um corpo quando esta dentro da normalidade, que passa por uma via moral social que a regula. Com isso a patologia surge como algo desarmônico ao corpo social criando um estado de anormalidade, no caso “anomia”.



Mas, como não há nada no indivíduo que lhes possa fixar um limite, este lhes deve necessariamente vir de alguma força exterior ao indivíduo. É preciso que uma força reguladora desempenhe para as necessidades morais o mesmo papel que o organismo para as necessidades físicas. (DURKHEIM, 2000, p. 315)

A peculiaridade da seca de 1932 foi às barreiras de contenção humana feita para que a população faminta não migrasse para a capital Fortaleza, por isso foi construídos seis centros de concentração, porém um já existia desde secas anteriores. Para dar o tom de legalidade e legitimidade a sociedade tinha que acreditar nos discursos que se utilizaram de uma construção do imaginário coletivo do povo faminto, doente e sujo que necessitavam de cuidados e proteção do governo, a mídia contribuiu com construção da veracidade desses discursos por meio dos médicos e de instituições sanitaristas. “Normalmente, a ordem é reconhecida como justa pela grande generalidade dos indivíduos” (DURKHEIM, 2000). Todavia, o que existia na verdade era o medo da invasão a capital Fortaleza, pois havia relatos de saques, roubos e de antropofagia. (RIOS, 2014, p. 81). “Os novos centros de concentração deveriam ser interpretados a partir dos parâmetros de civilidade e modernidade que pairavam sobre as áreas de Fortaleza no ano de 1932.” (RIOS, 2014, p. 80). Por isso era fundamental manter a ordem e “limpeza” da cidade, longe da pobreza e de seus flagelos, no sentido não permitir uma mudança nas estruturais sociais enrijecendo um processo de controle dos indivíduos vindo da seca. Com o objetivo de combater a anomia gerada pela escassez d’água se acentuou a desordem, que antes (a normalidade) era dividida em duas realidades, a da capital Fortaleza que tinha mais disponibilidade de chuvas e de abastecimentos de insumos da do interior do Estado que dependia diretamente das chuvas para produzir seus alimentos. “quanto mais nos aproximarmos dessa igualdade ideal, menos a coerção social será necessária” (DURKHEIM, 2000, p. 318).

Os centros de concentração foram construídos principalmente próximos as ferrovias e de bairros mais pobres, para facilitar o desembarque da população que vinda do interior, posicionamento legitimada pelos médicos para reduzir doenças. Nesse sentido o discurso científico funcionou como legitimador das práticas do Estado, mas que na verdade um discurso da elite. Enquanto isso os jornais se encarregavam de propagandear que os indivíduos que ali chegassem eram bem cuidados, o que não acontecia na realidade.

Determinada classe, que a crise favoreceu especialmente, já não se dispõe à mesma resignação, e, em contrapartida, o espetáculo de sua maior fortuna desperta em torno e abaixo dela todos os tipos de cobiças. Assim, os apetites, não mais



contidos por uma opinião desorientada, já não sabem onde estão os limites diante dos quais se devem deter. (DURKHEIM, 2000, p. 321)

Ao chegar nesses lugares os homens tinham seus cabelos raspados à máquina zero, recebiam sacos de panos ou jornais para se vestirem, sua alimentação na maioria das vezes eram farinha e rapadura (Fundação Joaquim Nabuco).

Segundo DURKHEIM, esses fatos como outros semelhantes podem ser tomados como convém ao pensamento e a subjetividade de quem os analisa e se posiciona:

O dever do homem do Estado não é mais empurrar violentamente as sociedades para um ideal que lhe parece sedutor, mas seu papel é o de médico: por meio de uma boa higiene, previne a eclosão das doenças, e, quando estas se declaram, procura saná-las (DURKHEIM, 1987, p. 76).

Uso da mão de obras dos flagelados fez o estado se desenvolver mesmo no período da seca, pois muitas obras paradas foram retomadas. Mas não faltaram discursos para incriminar os flagelados, os quais querendo fugir dos campos de concentração eram considerados foragidos e dados como procurado, com isso houve casos de revoltas por diversas situações. Com essa relação os sertanejos passaram a chamar os centos de “currais humanos”.

2. A Epistemologia de Michel Foucault.

Em sua obra “Vigiar e Punir”, Foucault analisa as formas de punição realizada até o século XVIII, e constata que nos primeiros séculos a forma de punir se davam pela flagelação dos corpos, que seria uma forma de intimidar outros a não cometer crimes ou atentado contra ao poder vigente. E observa que com o capitalismo a forma de punir é modificada, pois, ao invés de matar o corpo, ele pode ser *recondicionado* se utilizar de várias instituições para disciplinar os indivíduos dentro de um novo modelo de produção e de consumo, produzindo “*corpos dóceis*”.

Ao corpo que se manipula, se modela se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam (...) um conjunto de regulamentos, militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. Dois processos registros bem distintos, pois tratava-se, ora de uma submissão e utilização, ora de funcionamento e de explicação:



corpo útil, corpo inteligível. FOUCAULT, (1987, p. 1118).

O estudo sobre a seca de 1932 reflete a analogia de Foucault, quando os indivíduos flagelados são lançados nos campos de concentração, com o intuito de “proteção” e “cuidados”, porém se tratou de uma verdade manipulada, uma *técnica da racionalizada do poder*, a qual deu veracidade ao discurso de médicos e de sanitarista para colocar os sertanejos em lugares distantes do centro, em bairros pobres, como dejetos sociais, para isso organizaram linha de trens para trazerem os indivíduos do interior diretamente para esses locais como alternativa de não espalharem doenças no vento. Para haver o controle populacional na capital Fortaleza. (RIOS, 2014).

A disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve o grande “encarceramento” dos vagabundos e dos miseráveis; houve outros mais discretos, mas insidiosos e eficientes. FOUCAULT, (1987, p.122).

Porém quando foi percebida a possibilidade de se utilizar desses indivíduos para o crescimento econômico do Estado, assim foi feito. Pois os campos foram legitimados pela sociedade com o discurso para dar assistências, mas se tornou campo de recrutamento de trabalho barato, quando muito se trocava o trabalho de um dia por um prato de comida.

Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertado, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações.(...) O objetivo, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa e do exercício. FOUCAULT, (1987, p. 1118).

Na relação entre o dominador e de dominado, aumenta o poder do dominador sobre o dominando que necessita da permanência desse poder para se ter sua existência garantida, no caso dos moradores do interior do Estado necessitava do alimento, o que tornava uma presa fácil a transforma seus corpos úteis ao sistema.

A referência romana que acompanha essa formação inclui claramente esse duplo



índice: os cidadãos e os legionários, a lei e a manobra. Enquanto os juristas procuram no pacto um modelo primitivo para a construção ou a reconstrução do corpo social, os militares e com eles os técnicos da disciplina elaboravam processos para a coerção individual e coletiva dos corpos. FOUCAULT, (1987, p. 142).

Os corpos rejeitados tornam-se utilizáveis no favorecimento da economia, pois esses indivíduos reclusos deveriam ser ajudados pelo Estado, mas sem sabe se tornaram parte de um processo de dominação em que seus corpos tiveram um papel importante no desenvolvimento da economia do Estado mesmo em crise.

Anomia e a questão da seca na fabricação de corpos dóceis.

Na estruturação do sistema e utilizado a *racionalização instrumental* através de suas instituições, que docilizam os indivíduos mecanicamente, por processos disciplinares para compor seu papel social, através das suas instituições, determinado, que os torna a *microfísica do poder*. Nesse sentido a anomia é desenvolvida quando a sociedade foge de um padrão gerando a patologia, os quais surgiram pelo desvio padrão do corpo social ou pelo excesso de racionalidade fazendo com que as funções dos indivíduos não se enquadrem nessa estrutura do corpo social que se torna rígida, quebrando com a liga que estrutura, pois, a anomia criar o diferente, fato que só existe na cultura humana. Quando essa estrutura social sai de seu enquadramento, seu comportamento padrão, o poder regulador vigente busca formas de retomar o controle dos indivíduos por meio do poder coercitivo, que busca torná-lo domináveis e reguláveis.

No caso da seca de 1932, o que dava liga as estruturas sociais era a disponibilidade da água no interior do Estado do Ceará diferentemente a capital Fortaleza, a parti do momento que há uma escassez de água no interior há uma quebra da harmonia provocando o deslocamento dos indivíduos para a capital, com também a perda do controle sobre esses indivíduos, que por mais que estivessem disciplinados e restringindo a um espaço de miséria, sem água não tinha mais como permanecer.

Por isso os centros de concentração retomam o processo de controle desses indivíduos, levando ao encarceramento dos flagelados nos campos de concentração, com determinação de vigilância, para os que fingia era dado como fugitivo, pois o que deveria ser para dar assistência e melhoria das condições desses indivíduos ocasionou extermínio em massa, calcula se que tenha morrido cerca de 1.000 pessoas somente no campo de concentração de Ipu entre os períodos de 1932 a 1933(podendo os dados de morte ser bem maiores).

As mortes ocorreram, principalmente, por causa da fome e das doenças não havendo qual-



quer cuidado das autoridades para com os flagelados, somente para aqueles que trabalhavam eram mais cuidado pelo sistema que queria se utilizar de sua força do trabalho para o crescimento econômico do Estado, que se encontrava no processo de modernização. Os que não serviram foram esquecidos deixados para trás, como peças de máquina sem uso, e sem cuidados muitos morreram. A racionalidade deixou de ser humana para ser econômica, e nesse processo a vida perde para o capital, mas até que ponto o coletivo (sociedade) deve ter direitos de controle de corpos dos cidadãos? E o que torna o Estado superior aos seus liderados, que voltou e o elegeu em um estado de direito? Pois se o processo da cultura humana se dá pela transformação o controle excessivo tende a inviabilizar a construção do ser humano.

As chuvas de 1933 provocaram o fechamento de muitos centros, e a volta dos sertanejos às suas cidades com ajuda do governo que doou sementes, outros permaneceram abertos para passar a imagem de uma sociedade benevolente, hoje são esquecidos e negados pela história. Todavia, a seca sempre foi tratada de forma pontual, de curto prazo, mas não de médio e de longo prazo, o que acarreta em problemas cíclicos, a exemplo estruturas feitas por engenheiro inglês para fazerem barragens foram abandonadas e feita delas centros de concentração.

Contudo, a anomia, nesse caso, foi gerada pela falta de subsídios que possibilitasse a permanência dessa população no interior do Estado, e que não houve planejamento de longo prazo, a exemplo disso são as construções feitas para as barragens que acabaram servindo como base para os centros de concentração, onde o fascismo do cuidado se tornou a prisão e a eliminação de boa parte da população sertaneja.



REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: Estudo de Sociologia**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

_____. In. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Maria Isaura de Queiroz. São Paulo: Ed. Nacional, 1987.

GALLIANO, Guilherme. **Introdução a Sociologia**. São Paulo: Harper e Row do Brasil, ano de 1981.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e Poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na seca de 1932**. Fortaleza: Ed. Imprensa Universitária, 2014

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. de Raquel Ramalhete. Petrópolis-SP, Vozes, 1987.

MOTTA-ROTH, Desirée. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Ed. Parábola, 2010.